

APRESENTAÇÃO

Quem conta essa história?

Prof^o Dr^a Eliana Almeida de Souza Rezende¹

O historiador no trato com suas fontes traz-nos ao convívio de uma sociedade distante no tempo e no espaço e que ganha voz através de indícios e sinais “lidos” no desempenho de seu ofício. O objetivo não é outro além de ser capaz de lançar outros tons sobre um passado escrito ainda em branco e preto.

Esse trilhar gerou desde o momento da constituição da disciplina História inúmeros debates e preencheu incontáveis páginas sobre os embates teórico-metodológicos daí decorrentes. Na realidade, não é sobre isso que iremos tratar.

Tomo a liberdade nessa apresentação de falar não apenas como historiadora, mas também como arquivista – responsável que sou pela preservação e conservação de acervos em diferentes suportes e, portanto, sendo um elo entre fontes e *corpus* documentais e historiadores ávidos por questionar o passado.

O ofício de historiador impõe desafios e muitas escolhas, e é no trato com as fontes que esse debate se institui e constrói: são vozes do passado que ecoam de diferentes formas de acordo com as indagações e questões que o homem do seu tempo faz. Além desses há os ruídos contemporâneos, daqueles que são antes de tudo críticos e interlocutores que indagam e que buscam respostas. O historiador é assim homem do seu tempo, com indagações e inquietações pessoais, mas que busca responder aos seus pares de ofício e que, portanto, têm uma escrita que é também diálogo. Diálogo, que na maioria das vezes se transforma em debate em torno de um tema.

Além disso, a escrita tende a ser uma narrativa, na medida em que se coloca como uma construção que se arquiteta sobre idéias que se constituem e constroem a partir dos meandros e trilhas

indiciais surgidas no decorrer do caminho de pesquisa. A investigação dessa forma constitui-se num caminho feito da busca incessante de respostas às questões propostas por quem investiga e que de certa forma nos dirige o olhar.

A historiografia é célebre em produzir diálogos e ruídos e nesse sentido tomo aqui a liberdade de trazer para o universo de nossa discussão aquele que é considerado por nossa historiografia o primeiro historiador de ofício e precursor do trabalho com documentos: Capistrano de Abreu.

A escolha obviamente não se dá de forma aleatória e nem casuística. Por ser historiadora e arquivista meu olhar sobre os documentos seguem em duas direções: de um lado a preocupação com a sua preservação e conservação documental possibilitando a divulgação e a produção de novas pesquisas, de outro o documento como matéria-prima para que o trabalho do historiador se concretize. A relação que se estabelece entre o historiador e o trabalho minucioso e rigoroso com as fontes nos faz também tomar contato com outro ponto de conexão: que é o historiador e suas fontes no seu trabalho de “garimpo” em arquivos e bibliotecas.

Capistrano tinha esse olhar! De um lado trabalhava laboriosamente em arquivos e de outro era exímio pesquisador.

Homem culto, e em muitos momentos autodidata, já que por ironia não possuía a formação acadêmica de historiador, mas sim jornalista. No entanto, sua contribuição em especial para os estudos do Brasil colonial é inestimável. Afeito à tradição e herança alemã Capistrano introduziu na historiografia brasileira o rico e necessário trabalho de crítica documental. E tornaria seus escritos precursores do pensamento intelectual sobre o período colonial trazendo a possibilidade de diálogo e debate com contemporâneos e seus sucessores. Conseguia compreender que seu trabalho de historiador era o de investigar, tecer as relações, criticar e refletir sobre os temas de que tratava ao mesmo tempo em que construía uma narrativa eloqüente e convincente calcada em ampla investigação.

Capistrano de Abreu traz à historiografia brasileira uma nova perspectiva historiográfica: por meio de sua narrativa chegaram até nós a sociedade colonial brasileira, com seus tons e sobre-tons, sua multiplicidade e variedade, suas contradições e dificuldades. Através de seu trabalho detido com as fontes documentais, o saber histórico começava a constituir-se do rigor científico necessário ao novo campo de estudo que começava a se constituir: o saber histórico como um campo de reflexão e estudo. A história e sua escrita passavam a ter um objeto sobre o qual refletir e uma escrita que lhe fosse própria. Capistrano começava, através de seus escritos, imprimir uma nova narrativa às suas descobertas via exame detido e profundo dos documentos. Sua escrita buscava o convencimento de seus leitores através de argumentos obtidos no seu exame das fontes documentais.

A narrativa dessa forma constitui-se não como algo que se encerra no término de uma obra, mas está exatamente nos questionamentos, nas indagações feitas aos conjuntos documentais que estão ali não para serem históricos, mas para serem inquiridos!

E é exatamente aí que um aspecto torna-se relevante: é a pesquisa detida, com problemáticas bem fundamentadas que irão separar definitivamente um ficcionista de um historiador. O historiador não escreve uma obra de ficção! Sua escrita deve refletir uma sólida pesquisa e consulta à diferentes fontes. É óbvio que não estamos aqui falando do exagero de “veracidade” atribuída às fontes documentais próprios dos positivistas e que estiveram na base de influência sobre o pensamento de Capistrano. Mas evocamos a necessidade de um trabalho meticuloso e sério com as fontes documentais estejam elas onde estiverem e em quais sejam os seus suportes.

Esse trabalho meticuloso, com argumentos precisos pode ser observado nos escritos de Capistrano, onde mesmo tendo analisado diferentes documentos que por décadas haviam sido alvo de análise de outros pesquisadores, conseguiu trazer um novo prisma, uma nova reflexão sobre como a sociedade colonial se estruturava.

Neste sentido, Capistrano era moderno, já que ele trazia à sua escrita a forte preocupação com a crítica narrativa. Em sua forma de trabalho, Capistrano utilizava-se da tradição historicista alemã – que o havia influenciado fortemente em sua fase mais madura – ao trabalho de crítica externa e interna do documento defendida por toda uma geração de positivistas. Com esta fusão de olhares Capistrano imprimia à sua narrativa uma nova perspectiva de abordagem da sociedade colonial. A sua relação com a pesquisa, crítica com as fontes, identificação e classificação no uso dos documentos davam-lhe a possibilidade de encontrar novas formas de aproximar-se de seu objeto de análise. Sua inquietação era a mesma de seus contemporâneos, ou seja, compreender a sociedade brasileira. Para atingir esse objetivo seu objeto de estudo foi recortado, chegando a concepção que deveria fazer uma história da nacionalidade brasileira. Fazendo uso de um método de pesquisa conseguiu tecer os fios de sua interpretação absolutamente inédita para o período: a história do Brasil era **produto de fenômenos físicos e sociais**: o homem sendo limitado e ao mesmo tempo limitando a natureza, o que impedia qualquer noção determinista de futuro ou idéia de “passado mítico” não comprovável por documentação confiável. A história da “terra” brasileira, a história nacional era a história do descobrimento, do desbravamento e do povoamento, sem determinismos geográficos, raciais e sem voluntarismos da ação humana.²

A história era finalmente “desenterrada do pó dos arquivos”, não sendo apenas fruto do pensamento, mas obra de um rigoroso trabalho metodológico³.

Assim sendo, e transcorridas tantas décadas estamos nós novamente às voltas com o que seja o trabalho do historiador e a forma como se estruturam suas narrativas. O convite ao leitor é o de experimentar e ver quais os diálogos que se estabeleceram entre diferentes pesquisadores e suas fontes. Que vozes conseguiram eco através de suas narrativas? Leiamos!

Notas

- ¹ Doutora em História Social pelo IFCH/UNICAMP. Consultora em Gestão Documental e Preservação e Conservação de Documentos.
- ² Gomes, Ângela Maria de Castro. "História e historiadores – a política cultural do Estado Novo", Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- ³ Rodrigues, José Honório. "História e historiadores no Brasil". São Paulo, Editora Fulgor Ltda, 1965.

Referências

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e historiadores – a política cultural do Estado Novo**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

RODRIGUES, José Honório. **História e historiadores no Brasil**. São Paulo, Editora Fulgor Ltda, 1965.

VARNHAGEM, F. A. **Estado e revoluções internas**. In: Odália, N. (org) Varnhagem, São Paulo, Editora Ática, 1979.

Errata: No cabeçalho das páginas 9 e 11 o nome da autora é Eliana Almeida de Souza Rezende e não Ana Lúcia Vulfe Nötzold.